

# Reabilitação da Igreja Matriz de Cacela Velha

A Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Matriz de Cacela, é um edifício de raiz manuelina construído originalmente no século XVI sobre as ruínas de anterior templo medieval, que se insere, segundo Horta Correia (1989), no tipo de série estandardizado no Algarve quinhentista<sup>1</sup>. Integra o Núcleo Histórico de Cacela Velha, classificado como Imóvel de Interesse Público, com Zona Especial de Protecção (ZEP) homologada.

Reconstruída no final do século XVIII em consequência do terramoto de 1755, é composta por corpo de três naves, capela-mor e capela baptismal coroadas por abóbada de berço, capela lateral (de Nossa Senhora dos Mártires) com tecto em abóbada polinervada, torre sineira e sacristia, e apresenta coberturas diferenciadas com telhados de uma, duas e quatro águas de telha de meia-cana, à excepção da torre sineira, coroado por cupulim. Na fachada principal assume particular importância um interessante portal renascentista cuja autoria é atribuída ao pedreiro arquitecto algarvio André Pilarte<sup>2</sup>, enquanto a norte, um portal lateral de arco quebrado em cantaria chanfrada tar-

do-gótica denuncia as origens medievais do templo.

Em conjunto com a antiga Casa da Misericórdia, edifício datado de 1750 mas reconstruído logo após o terramoto em barroco simples, que se lhe encontra adossado a norte, constitui, à escala daquele núcleo, o imóvel de maior valor patrimonial.

Não obstante, e nas últimas décadas do século XX, foi o conjunto alvo de intervenções pouco qualificadas<sup>3</sup>, de que se destacam a substituição da estrutura de asnas e forro de madeira da cobertura por laje aligeirada e do pavimento de madeira da nave central por ladrilho cerâmico, bem como a adaptação da antiga Casa da Misericórdia a casa mortuária e sala

de reuniões, com a integração de um segundo piso e a redução do vão da porta principal.

Considerando que qualquer intervenção num edifício desta natureza e importância requer o conhecimento prévio, o mais completo possível, da sua evolução histórica, formal, funcional e material, o plano de intervenção proposto contemplou assim três fases de desenvolvimento:

- Levantamento geral do conjunto edificado;
- Identificação do respectivo estado de conservação;
- Proposta de intervenção, subordinada aos princípios da intervenção mínima e compatibilidade e reversibilidade máximas.

Não tendo sido identificadas anomalias estruturais significativas, a proposta de intervenção foi orientada no sentido da resolução de patologias nos revestimentos (paredes e coberturas), em grande parte decorrentes da falta de manutenção periódica e/ou de intervenções desadequadas, e da execução de obras de reparação e manutenção necessárias ao bom desempenho do edifício, incluindo a substituição dos sistemas de iluminação e som. Remeteu-se para uma fase posterior a correcção de dissonâncias morfológicas e espaciais, em particular as referentes à laje de cobertura da Igreja e segundo piso da antiga Casa da Misericórdia.

A intervenção propriamente dita obedeceu a práticas comuns mas essenciais, nomeadamente, o registo gráfico



Alçado principal poente (durante a intervenção).



Pintura mural posta a descoberto.

Pormenor da reintegração.

Vista interior da Igreja.

Reconstrução parcial de um paramento em taipa

e fotográfico de todos os elementos, bem como a realização de sondagens prévias, incluindo as arqueológicas ao abrigo da lei vigente, que permitissem definir a melhor metodologia de intervenção, de acordo com os parâmetros e objectivos pré-estabelecidos. Iniciados os trabalhos de reabilitação, desde logo se começaram a revelar, ocultos sobre os revestimentos de parede existentes, importantes vestígios de épocas passadas que a acção do Homem quase fez para sempre desaparecer e que tão bem ilustram a riqueza e transformação histórica do imóvel, como sejam: o portal gótico referido nas *Visitações da Ordem de Santiago do século XVI*<sup>4</sup> (e assinalado na planta de Alexandre Massay, de 1617); uma fresta, provavelmente da mesma época, na parede sul da capela-mor; um óculo, sobre o arco triunfal, e vários outros vãos entaipados; e a taipa que conformava as paredes portantes da sala do Cartório e da antiga Casa da Misericórdia.

De assinalar o facto de alguns desses vãos apresentarem ainda rebocos (possivelmente originais) com sinais evidentes e significativos de pintura amarelo-ocre, denunciando aquela que terá sido, numa determinada época, a cor apresentada pelos paramentos da Igreja.

Tendo em vista repor o bom desempenho das alvenarias, a intervenção consistiu, essencialmente, na remoção de todas as argamassas inadequadas, nomeadamente as de cimento, e na restituição dos revestimentos, agora com recurso exclusivo a arga-


massas de cal, tendo havido a necessidade, ocasional, de serem tomadas medidas adicionais, em particular de reforço de paramentos.

Entre os vestígios mencionados, assumem particular visibilidade as campanhas decorativas policromas antigas postas a descoberto, nomeadamente a pintura mural, com desenho preparatório a fresco e acabamentos a seco, presente no tecto polinervado da Capela dos Mártires, ou a pintura figurativa de uma das capelas laterais, cuja identificação histórica, técnica e artística é reveladora da qualidade dos trabalhos que a Igreja de Cacela outrora ostentou.

A metodologia adoptada visou, por isso, a recuperação dessas campanhas subjacentes, que ainda se encontravam em bom estado de conservação, em detrimento das mais recentes, com recurso a meios mecânicos adequados. Posteriormente, foram levados a cabo o saneamento das áreas degradadas, a remoção e/ou tratamento dos elementos metálicos oxidados e as necessárias reconstituições volumétricas, com argamassas de cal, bem como colmatadas pequenas lacunas, fendas e fissuras.

A reintegração cromática final foi elaborada com recurso a materiais reversíveis e técnicas diferenciadas e ilusionistas, Rigattino e velaturas, através de traços verticais ou manchas, consistindo no refechamento de lacunas basilares para uma melhor leitura e interpretação do conjunto.

Consequentemente, e após a intervenção em curso, o imóvel passará a

exibir mais algumas das marcas da sua história, permitindo ao visitante ter uma leitura mais rica e completa, bem como um melhor conhecimento e compreensão de uma das jóias mais importantes do tesouro patrimonial do concelho de Vila Real de Santo António, a qual readquire, deste modo, parte da sua perdida grandeza. 

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> CORREIA, José Horta (1989) – “A Arquitectura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural”. in *O Algarve na Perspectiva da Antropologia Ecológica*. Lisboa: INIC, p. 141.

<sup>2</sup> *Idem*.

<sup>3</sup> BATISTA, Desidério Sares (1997) – *Bases para uma Proposta de Salvaguarda e Valorização do Núcleo Histórico de Cacela e da Zona Especial de Protecção*. Évora: Universidade de Évora, Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, p. 108.

<sup>4</sup> CAVACO, Hugo (1987) – “*Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio*”. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, p. 250.

FERNANDO VÍTOR FÉLIX RIBEIRO,  
Arquitecto, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António  
vitor.ribeiro@cm-vrsa.pt  
ANA RITA PIMENTA,  
Técnica Superior de Conservação e Restauro  
FÁTIMA DE LLERA,  
Técnica de Conservação e Restauro,  
Sócia-gerente In Situ, Conservação de Bens Culturais, L.d.<sup>a</sup>  
insitu@insitu.pt